ARTIGO 5:

AS REDES SOCIAIS E O ATIVISMO NA MÚSICA POP: PERFORMANCE E REPRESENTATIVIDADE NAS REDES SOCIAIS DE PABLLO VITTAR

Gabriel Gutierrez
Vinicius Morelli

RESUMO

O artigo investiga as estratégias de comunicação utilizadas nas redes sociais da artista drag queen Pabllo Vittar, no contexto da atual música pop brasileira. A partir da compreensão dos traços constitutivos da cultura drag e do crescimento da cultura queer enquanto identidade musical no mercado brasileiro, buscamos compreender o posicionamento digital de Pabllo como artista e membro da comunidade LGBTQIA+. Assim, o presente trabalho analisa como Pabllo Vittar performatiza a representatividade queer no seu instagram.

PALAVRAS-CHAVE: música pop; cultura queer; pink money; redes sociais.

Introdução

Pabllo Vittar é uma cantora drag queen brasileira que vem construindo uma carreira sólida dentro da música pop nacional dos anos 2020. Com números impressionantes nas redes sociais[1], Vittar já realizou turnês internacionais por EUA, Europa e América Latina, participou de importantes festivais como o Coachella[2] em Los Angeles e o Lollapalooza em São Paulo, e é, mesmo tempo, uma estrela musical em ascensão e uma personagem relevante da comunidade LGBTQIA+ do Brasil. Seu êxito está associado à emergência de uma série de artistas queer dentro do cenário musical brasileiro, como as drags Gloria Groove, Aretuza Lovi e Lia Clark, as mulheres transexuais Liniker, Raquel Virgínia, Assucena Assucena (do grupo "As Baías"), as travestis Linn da Quebrada e Jup do Bairro e a artista trans não binária Catto , e ainda outros nomes como Mel Gonçalves, Pepita e Urias[3]. Pabllo é um dos nomes centrais na consolidação desta cena queer, através de uma proposta musical que sobrepõe letras românticas e sensuais a uma musicalidade gestada pela fusão dos estilos que compõem hoje parte do mainstream musical brasileiro.

Pabllo Vittar é a drag queen criada por Phabullo Rodrigues da Silva para o lançamento do clipe de sua primeira música de trabalho, "Open Bar". A partir de então, Pabllo começaria a circular seu trabalho artístico de forma mais abrangente, atingindo o mercado de massa com dois hits solos, "K.O." e "Corpo Sensual". E ainda com uma participação em música de Anitta chamada "Sua Cara". Do ponto de vista estético, Pabllo Vittar propunha a mistura de gêneros musicais brasileiros como uma de suas principais identificações rumo à música pop (TEIXEIRA, 2018).

Mobilizando as musicalidades do funk carioca, do pagode baiano, do rap, do r&b, do arrocha, da música eletrônica, do forró e do tecno melody, a artista abriu espaço para que a drag queen Gloria Groove e outras cantoras cis como Luísa Sonza e Iza passassem a enxergar neste tipo de proposta estética uma possibilidade de inserção comercial no mercado musical. O sucesso alcançado por estes trabalhos fez com que Aires (2019) atestasse, já em 2017, o florescimento de um novo segmento musical formado por artistas assumidamente identificados com a comunidade LGBTQIA+.

---

[1] A cantora tem, aproximadamente, 37 milhões de seguidores nas redes sociais e 9,3 milhões de ouvintes mensais em uma plataforma de streaming.

[2] Pabllo foi a primeira drag a se apresentar no festival. Além disso, nessa mesma época, se apresentou durante um evento na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York (2019).

[3] Nesta cena queer, há também homens gays como Johnny Hooker e Romero Ferro, além do rapper paulista Rico Dalasam, o cantor pop Mateus Carrilho e seu antigo companheiro de banda, Davi Sabbag.

O propósito deste artigo é analisar a trajetória artística de Pabllo Vittar à luz da construção da sua imagem e de seu posicionamento nas redes sociais em termos de representatividade LGBTQIA+. Em meio à constituição de uma cena cultural queer no Brasil, observaremos como Pabllo Vittar negocia suas performances tendo em vista um padrão hegemônico de "diva pop", inserindo coreografias trabalhadas, figurinos extravagantes e uma passibilidade[4] feminina muito marcada. Debateremos como a artista, a partir de um discurso bem formulado sobre a representatividade de seu corpo, leva, a um público amplo, percepções a respeito da contradição fundamental entre a rejeição experimentada pelo corpo queer e a aceitação oferecida a um corpo que pode ser visto como de uma mulher cisgênero (FILHO & AZEVEDO, 2019). Nosso propósito é, portanto, analisar as negociações entre o comportamento heteronormativo hegemônico e as possibilidades contemporâneas de apresentação de um corpo disfórico no ambiente digital das redes sociais.

A performance drag queen

Pabllo Vittar é a persona criada por um menino gay afeminado que construiu a imagem de um ícone pop (TEIXEIRA, 2019) performando como uma cantora drag queen. Segundo Jesus (2012), uma drag queen (ou king) é um(a) artista que se veste de forma caricata, de acordo com o gênero masculino ou feminino, com objetivos artísticos ou de entretenimento. A arte drag guarda relação direta com as artes cênicas e costuma exaltar fundamentalmente o feminino, ao representar mulheres, que foram historicamente proibidas de representar no palco. Com o tempo, a partir do momento em que mulheres foram finalmente integradas ao mundo da dramaturgia, os membros da comunidade LGBTQIA+, que interpretavam rainhas drags, foram empurrados para o submundo da marginalização (VECCHIA; FERREIRINHO, 2020).

A partir do campo da dramaturgia, Taylor (1993) define performance como uma "teatralização social", em que se assume e representa repertórios sociais com propósitos que transcendem os objetivos estéticos, dentro de um determinado contrato social. No universo das drag queens, a noção de performance é central, e pode ser definida como uma atividade estética, inspirada em ícones visuais para exacerbar gestos comuns (TAYLOR, 2013). Neste sentido, podemos considerar a performance como uma maneira de ser e estar presente dentro da cultura (VECCHIA; FERREIRINHO, 2020).

[4] Passabilidade, no contexto LGBTQIA+, é caracterizado como a capacidade de uma pessoa transgênero ser identificada como membro do gênero com o qual se identifica, sem ter sua figura remetida ao seu sexo biológico. Na cena drag, é quando a figura do personagem se mistura de maneira tão verossimilhante que, o artista, pode ser lido com o gênero de sua persona artística.

Uma perfomatividade como a de Pabllo tem relação direta com o universo queer. Segundo Butler (2002), queer é um gênero baseado na performatividades, ou seja, na sequência de atos e modos de viver e se vestir que vão contra um padrão dominante que se divide hegemonicamente na bipolaridade "homem e mulher". Assim, a performance de gênero é caracterizada por um conjunto de signos gestuais que a partir de atos repetitivos formatam a identidade e tornam-se a própria linguagem do indivíduo em questão (BUTLER, 1988). Assim, uma drag pode ser vista tanto como um "corpo político" que desafia a heteronormativa dominante com sua performance, quanto como um "produto midiático", ou mesmo como uma "obra de arte", dependendo do ambiente cultural em que se dá a performance (BUTLER, 1990).

Contudo, a arte drag se diferencia das performances cotidianas, por, muitas vezes, ser encarada com algo "puramente" artístico, distinguindo-se da sequência de atos, gestos e desejos que refletem seu "eu" perante os olhos do "outro" (BUTLER, 2017). Como demonstra a autora, isso fica bem evidente quando uma travesti está em cima do palco de um teatro e suscita aplausos enquanto produz divertimento, por estar inserida em um contexto artístico. Contudo, em sua performance cotidiana, aquela mesma travesti pode ser ridicularizada e estigmatizada (BUTLER, 1988). A cultura drag, portanto, pode mobilizar as leis da performance de forma paródica, deixando claro que se trata de apenas uma maneira de construir um discurso que faz a comunicação entre performer e público.

O corpo que perturba e fascina

Como demonstra Amanajás (2015), o ato de se vestir como drag queen não necessariamente guarda relação com a orientação sexual – heterossexual, homossexual ou bissexual - nem com identidade de gênero – homem, mulher ou não-binário – daquele que performa. Contudo, a noção de performance articula-se com a de gênero na medida em que compreendemos gênero como uma identidade social, construída por reflexo da visão de uma plateia de convivência cotidiana, incluindo aí os próprios atores, que criam uma performance e levam-na adiante como uma crença (BUTLER, 1988). Neste sentido, a autora define a identidade de gênero como "a realização performativa compelida por sanções sociais e tabus", constituída através da repetitividade dos atos, gestos corporais, movimentações e encenações que constroem um significado ilusório do "eu", e que demarcam a permanência de uma determinada generificação.

Como demonstra a autora, a distinção de gênero deve ser encarada como parte essencial do processo de "humanização" dos indivíduos na contemporaneidade, Quando essa distinção não é realizada, ocorre uma espécie de punição social. Aqui a mobilização do conceito de queer é decisiva, pois, segundo Louro (2012), queer é exatamente o sujeito da sexualidade desviante - homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis e drags - cuja performatividade de gênero não almeja a integração ou o centro. A sexualidade queer desafia as regulações societárias, assumindo o desconforto da ambiguidade e do estar "entre". O queer torna-se, portanto, o corpo que "incomoda, perturba, provoca e fascina" (p.8).

Arte drag e cultura pop

A ascensão de Pabllo Vittar precisa ser compreendida dentro de um panorama histórico das mediações entre a cultura drag e o universo da cultura pop. Um dos primeiros marcos desta relação remonta aos shows de transformistas em boates e na televisão aberta nas décadas de 1960 e 1970 (BRAGANÇA, 2020). Assim como a espaços como os clubes Medieval e Homo Sapiens em São Paulo e o teatro Rival, da Cinelândia, bairro histórico e central do Rio de Janeiro, onde transformistas se apresentavam em espetáculos bem-produzidos nos anos 1960 e 1970 (BRAGANÇA, 2020). Contudo, o principal marco contemporâneo desta relação se dá por conta de um produto midiático transnacional: o reality show estadunidense RuPaul Drag's Race.

Este reality show retrata o momento em que a arte drag entrou para o mercado mainstream de audiovisual e revestiu de glamour um ambiente historicamente marginalizado. O programa testa as habilidades de pessoas que vivem da arte drag através da dança, moda e costura, remetendo a um arquétipo consolidado em outro reality show, o America's Next Top Model (LANG; FILIPPO, 2015). Distribuído pela TV paga e por serviços de streaming, o programa mobiliza uma estética de culto às celebridades para converter as drags em personalidades midiáticas e, assim, transitar do underground para o mercado de massa (LANG; FILIPPO, 2015).

Segundo LOPES (2002), esse trânsito está baseado numa estética frequentemente utilizada no meio LGBTQIA+: o brega, o brilhoso, o exagero. Uma forma específica de expressão artística que transforma a imagem de drag queens em inspiração e consumo para milhares de pessoas, vinculadas ou não à sigla. Assim, celebridades deste universo tornam-se marcas (TURNER, 2004) e passam a vender uma identidade e um estilo de vida. Nos parece que o RuPaul Drag's Race fez isso com eficiência de comunicação,

valendo-se dos recursos disponibilizados pelo formato de reality show para transformar a cultura drag num potente ícone de entretenimento, fomentando essa expressão artística através do glamour e da competição.

A identificação com o público deu-se também por conta dos momentos em que o programa exibia suas participantes desmontadas e comentando sobre as questões que envolvem seus ofícios nos bastidores de shows, humanizando, assim, os performers perante a audiência (LANG; FILIPPO, 2015). Phabullo, a futura Pabllo Vittar, foi precisamente uma destas pessoas que se conectaram intensamente com reality conduzido por Ru Paul. Foi inspirada pelo programa que Phabullo criou sua personalidade drag e, a partir dela, começou a trabalhar dentro do mercado do entretenimento brasileiro.

Arte drag e pink money

A trajetória de Pabllo Vittar está associada a uma emergente cultura pop brasileira, em que a comunidade LGTBQIA+ torna-se um grande mercado consumidor. Artistas identificados com a comunidade passam a utilizar suas plataformas de comunicação para promover um discurso baseado na diversidade sexual, fazendo com que esta pauta política ganhe mais força e visibilidade, em meio a expansão da multiplicidade de formas de viver (MOREIRA; SANTANA, 2018). Este tipo de agenda reverbera na cultura de maneira ampla, passando pelo universo do entretenimento, dos videogames, da moda e até do turismo.

A reverberação econômica desses valores de diversidade e representatividade faz nascer a noção de pink money. No centro dela, está a compreensão do crescente potencial de consumo da comunidade LGBTQIA + (ALVES, 2019), e a criação uma identificação poderosa entre empresas, marcas, artistas e um público, que se vê fortemente representado por determinadas performatividades de gênero e orientação sexual. A busca pelo pink money tornou-se uma ferramenta poderosa nacionalmente muito por conta da atuação de artistas como Anitta, Ludmilla, Luisa Sonza e Lexa. Seus trabalhos têm como público-alvo pessoas da sigla LGBTQIA+, que acabam por se tornar grandes entusiastas das marcas ligadas àquela artista. Assim, a conexão criada entre cantora e público é tão íntima que esses fãs passam a defendê-la de forma fidelíssima, como se estivessem num processo de advocacia para uma determinada figura pública (KOTLER, 2017).

Como nos mostra Kotler (2017), a advocacia é o último estágio de consumo de uma marca. Depois das fases de assimilação, atração, arguição e compra, chegamos ao momento da apologia ou advocacia que, segundo o autor, é quando o indivíduo vira tão fã da marca que passa a divulgá-la gratuitamente. Nesses contextos, quando ocorre algo negativo em relação àquela marca, seu fandom, prontamente, engaja-se na busca de argumentos para defendê-la (KOTLER, 2017). Isso costuma ser muito comum quando se trata de artistas e da comunidade LGBTQIA+.

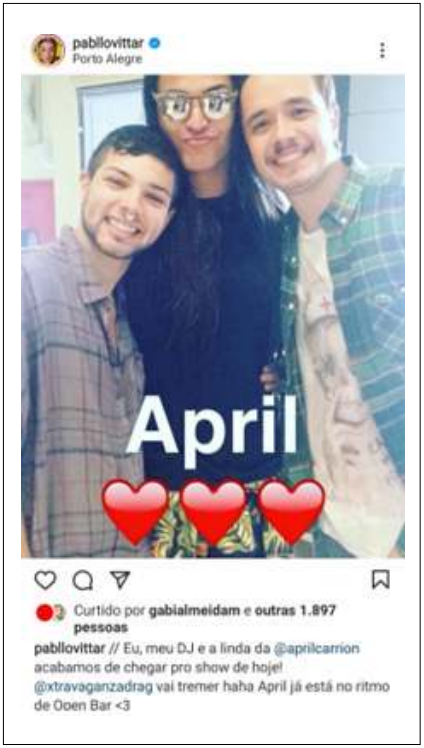
A performatividade de Pabllo Vittar nas redes sociais

A gestão de carreira dos artistas da música passa hoje incontornavelmente pelo marketing digital e pelo posicionamento nas redes sociais, já que, os ouvintes de música consomem muito mais os conteúdos digitais do que o rádio ou a televisão (VAZ, 2010). Redes como tik tok e instagram tornaram-se plataformas repletas de ferramentas para a construção da imagem de um artista. Elas possuem um grande poder de formar e manter a imagem de uma marca (PINHEIRO, 2019, especialmente quando se trata do público jovem (VASCONCELOS, 2019). Nossa análise observou as postagens publicadas nas redes sociais de Vittar com um intervalo de seis meses, do ano de 2015 a 2016.

Vittar é a drag com maior número de ouvintes mensais no mundo inteiro, que somam mais de 9 milhões. Além disso, é reconhecida, também mundialmente, por representar essa expressão artística como a mais seguida do instagram com o total de 12,8 milhões de seguidores superando sua própria inspiração, RuPaul Charles (VECCHIA; FERREIRINHO, 2020) apresentador do Reality citado acima que conta apenas com 5,8 milhões em sua rede social. (AIRES, 2019).

Como já mencionamos, Pabllo Vittar, começou a se montar, assim como várias drags regionais e drags que ficaram conhecidas nacionalmente, como Glória Groove e Lia Clark (AIRES, 2019), por conta do Reality Show de Drag Queens americano, RuPaul Drag's Race. Em seu Instagram há várias referências e comentários sobre o programa, e ao mesmo tempo um posicionamento de celebridade, que utiliza características da arte drag, como o brilhoso, a maquiagem extravagante, os saltos bem altos, perucas, a exaltação do brega e às divas pop.

Imagem 1: Pabllo Vittar e April Carrión (Drag Queen de Rupaul Drag's Race) no Instagram da Pabllo Vittar



Fonte: Instagram @pabllovittar

Imagem 2: Demonstração da montação de drag da Pabllo Vittar em uma foto de seu Instagram



Fonte: Instagram @pabllovittar

Imagem 3: Fotografia da Pabllo Vittar no palco exibida em seu Instagram



Fonte: Instagram @pabllovittar

O discurso é uma característica bastante importante na construção da marca Pabllo Vittar, pois através dele, ficou bem claro de onde ela veio e aonde quer ir, entrando no debate sobre sua identidade, posicionamento e imagem. A drag exalta sua origem nordestina, enquanto fala da homofobia que sofreu uma das mais conhecidas representantes da comunidade LGTBQIA + no Brasil. Muitas vezes a artista menciona em suas entrevistas o quanto quer ser apenas um gay fazendo sua arte para as pessoas se divertirem e, não necessariamente, fazer música de cunho voltado à militância.

Porém, apenas por ser um garoto gay afeminado do Nordeste com um corpo que apresenta distorção em relação ao padrão hegemônico, ele já demarca um espaço perante sua visibilidade. Dentro de toda essa grandiosidade de ser uma celebridade, a artista deixa claro um lado humanizado que sempre evidencia sua infância, sua família, seu olhar bonito sobre o mundo, o carinho com os fãs. Podemos observar isso através das inúmeras fotos de Vittar com os conhecidos vittarlovers, seu grupo de fãs, no Instagram, além de fotos com sua família.

Imagem 4: Post de Pabllo Vittar e o contato com seus fãs



Fonte: Instagram @pabllovittar

Imagem 5: Post de Pabllo Vittar com sua mãe



Fonte: Instagram @pabllovittar

O Instagram da artista faz também muitas referências à cultura pop, um traço bem marcante em sua carreira. Através dessa aproximação, Vittar mobilizou uma estratégia eficiente para lançar seu primeiro trabalho, utilizando o sample da música “Lean On”, do grupo Major Lazer, para fazer uma paródia repleta de ritmos brasileiros. A faixa utilizada nesse lançamento chama-se “Open Bar”, e fez muito sucesso como primeiro single de Vittar na internet. O EP traz outros samples internacionais convertidos para gêneros brasileiros sobre os quais a artista fala do seu cotidiano de maneira despojada. O videoclipe conta com 77 milhões de visualizações verificado no dia 26 de junho de 2025. A divulgação foi a partir das redes sociais da artista e da ação de djs que tocavam a música em festas.

Vittar costuma divulgar suas músicas no Instagram através de informações sobre o clipe que virá acompanhando o lançamento da faixa em questão. Mostra fotos dos figurinos, de cenas e das coreografias. Depois, divulga um vídeo ensinando a fazer coreografia, assim como fazem a maioria das cantoras do cenário pop brasileiro atualmente. Além disso, nas redes sociais, costuma divulgar as casas de show conhecidas voltadas localmente para o público LGBT. A artista aparece nos banners dos eventos e após os shows posta as fotos exclusivas tiradas por fotógrafos profissionais contratados.

Com o propósito de criar um posicionamento voltado para sentimentos de empatia e humanização, Vittar posta fotos também sem estar montada como drag. Assim como acontece nos roteiros do reality show RuPaul Drag’s Race, essa aparição cria uma narrativa de proximidade com o público, que pode ver através da marca Pabblo Vittar, onde existe uma pessoa com suas dores e opiniões. É o momento de a artista expressar sua posição política, ao lado da bandeira LGBT ou com roupas que remetam à luta contra a homofobia. Usando o discurso do empoderamento, o contato com os fãs é mantido através da imagem de uma celebridade humanizada.

Imagem 6: Post de Pabllo Vittar no Instagram desmontada de Drag



Fonte: Instagram @pabllovittar

Através de seu sucesso meteórico na internet, Vittar conseguiu um lugar como cantora da banda no programa “Amor e Sexo”, da TV Globo. Assim, ganhou ainda mais notoriedade e um lugar na mídia tradicional, em articulação com seu sucesso no ambiente digital. O aumento no número de fãs consolidou a percepção de que seus seguidores fazem um trabalho de apologia à marca Pabllo Vittar, o que foi criando demanda de mercado pela imagem da cantora. Como consequência disso, a drag , acabou assinando contrato com várias marcas que se posicionam ao lado da diversidade em suas estratégias de branding, como no caso da campanha para empresas como Adidas e a Avon.

A artista ganha essa capacidade de influência na medida em que as pessoas seguem fielmente o que ela representa. Se posicionar politicamente também é se comunicar com quem a segue, como em seu clipe da música “Indestrutível”, que conta a história de um garoto gay e afeminado que sofre bullying na escola, mas tem o apoio de sua mãe em casa. Dessa maneira, Pabllo Vittar costuma fazer posts contra a homofobia e qualquer instituição que perpetue preconceitos seja ela de orientação sexual, etnia, identidade de gênero ou em relação a outra minoria social. Uma publicação bem marcante de seu Instagram é a bandeira LGBTQIA+ suja de sangue.

Imagem 7: Post no Instagram da Pabllo Vittar
com a bandeira manchada de sangue



Fonte: Instagram @pabllovittar

Considerações Finais

A análise desenvolvida ao longo deste artigo evidencia como a trajetória de Pabllo Vittar se insere em um contexto mais amplo de transformação cultural e midiática no Brasil, especialmente no que diz respeito à visibilidade LGBTQIA+ nas redes sociais e na indústria da música. A artista constrói sua imagem a partir de uma performance que dialoga com o arquétipo da diva pop, ao mesmo tempo em que tensiona normas de gênero e sexualidade. Sua presença digital, estudada nesse trabalho, revela uma negociação constante entre seu posicionamento de marca e seu posicionamento político.

Dessa maneira, o propósito do nosso trabalho foi articular o debate entre arte, mercado e ativismo a partir da observação das estratégias de marketing de Vittar para suas redes sociais. A ascensão de Pabllo Vittar ocorre em paralelo à consolidação do pink money como força econômica e simbólica. Sua imagem é mobilizada por marcas e empresas que buscam se conectar com o público LGBTQIA+, ao mesmo tempo em que a artista se torna uma referência de empoderamento e pertencimento para essa comunidade. Essa dinâmica, embora potente, também levanta questões sobre a mercantilização da diversidade e os riscos de esvaziamento político de pautas identitárias quando apropriadas pelo mercado.

Ao longo do texto, pudemos perceber como celebridades queer, como Vittar, transitam entre o campo do entretenimento e o ativismo. Sua presença digital é cuidadosamente gerida para equilibrar a performance artística com momentos de vulnerabilidade e humanidade, criando uma conexão afetiva com seu público. Essa dualidade — entre o brilho da celebridade e a intimidade do cotidiano — fortalece sua marca pessoal e amplia seu alcance para além da comunidade LGBTQIA+. A simples existência de um corpo dissidente em espaços de grande visibilidade já constitui um ato político. A adesão de marcas à sua imagem e a fidelidade de seus fãs evidenciam como a performance de gênero e a representatividade podem ser convertidas em capital simbólico e econômico. Nesse sentido, Pabllo Vittar exemplifica como a arte drag, quando aliada às ferramentas digitais e à cultura pop, pode se tornar um instrumento potente de transformação social e de reconfiguração do mercado da música pop no Brasil.

REFERÊNCIAS

AIRES, Teixeira Jonathan. A Visibilidade de Pabllo Vittar na Mídia. Brasília, 2019.

LANG, Patrícia; FILIPPO, Marina. A Construção de Celebridades Drags a Partir de Rupaul's Drag Race: Uma virada do Imaginário Queer. Rio de Janeiro, 2015.

MORAES, Rafael; VECCHIA, Leonam. Aceita, eu sou gostosa: performance de gênero e ativismos no funk proibidão da drag queen Lia Clark. Rio de Janeiro, 2018.

PEREIRA, Dantas Maria Lívia. O "roteiro do linchamento"de Pabllo Vittar: O discurso de ódio como forma de preservar identidades e valores tradicionais. Rio de Janeiro, 2018.

VECCHIA, Dalla Casagrande Leonam; FERREIRINHO, Canecchio Gabriel. O que é necessário para ser uma Drag Queen de sucesso? Negociações performáticas e estéticas entre corpos desviantes e o público mainstream.

AMANAJÁS, Igor. Drag Queen: Um percurso histórico pela arte dos atores transformistas.

FILHO, Cardoso Jorge; AZEVEDO, José Rafael. Pabllo Vittar, Gloria Groove e suas performances: fluxos audiovisuais e temporalidades na cultura pop. Revista Contracampo, São Paulo, 2018.

BRAGANÇA, Lucas. Fragmentos da babadeira história drag brasileira. Rio de Janeiro, 2019.

FILHO, Luiz de Medina Antônio. Propaganda: Marketing Contemporâneo na Indústira Musical. Rio de Janeiro, 2012.

MELO, Vaz Borges Gabriel. O Som do Spotify BR: Dimensões do consumo de Música digital no Brasil. Belo Horizonte, 2017.

ALVES, Felipe Mateus. Olharez cruzados: o Pink Money e o Movimento LGBT. Santa Cruz do Sul, 2019.

PRADO, Áurea Liz; FROGERI, Franklin Rodrigo. Marketing de Influência: um novo caminho para o Marketing por meio dos Digital Influencers. Revista Interação. Belo Horizonte, 2017.

PINHEIRO, Córdula Leonardo. O Poder do Co-Branding no Meio Musical: Um Estudo de Caso Sobre a Estratégia de Parcerias Musicais da Cantora Anitta. Natal, 2019.

VASCONCELOS, Freitas Delmondes Arthur. A Percepção de Empresários Acerca da Importância do Instagram como Ferramenta de Fortalecimento da Marca: Um Estudo sobre as Empresas de Vestuário do Bairro 13 de Julho: Aracaju-se. São Cristóvão (SE), 2019.

KOTLER, Philip. Marketing 4.0. São Paulo, 2017.

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. 2009.